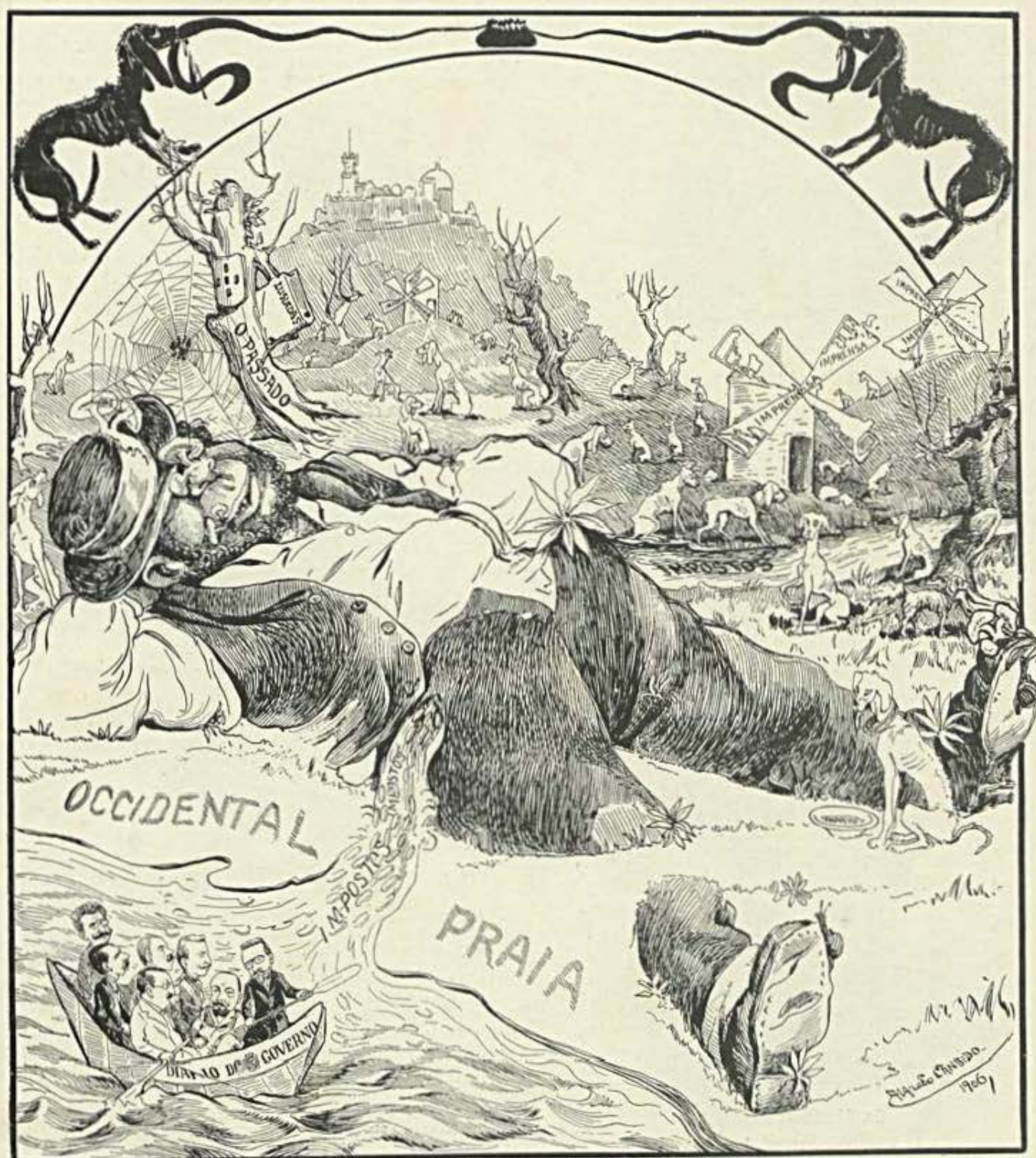


# BRASIL - PORTUGAL

1 DE SETEMBRO DE 1906

N.º 183

## Jardim da Europa



"... palavra d'honra que faz pena ver assim um povo enterrar-se aos políticos, tolamente, quando podia fazer uma figura brilhante no concerto das nações.."

(D'um jornal da manhã)

# Os deputados por Lisboa

## Dr. Adriano Cavalheiro

Está, desde tempos immemoriaes, agarrado á politica como a ostra á casca. E' militar e medico, mas não se importou em dar um piparote na disciplina... partidaria, nem consta, que como



Dr. Adriano Cavalheiro  
(Concentração liberal) Circulo oriental

clínico, tenha curado qualquer dos achaques de que enferma a politica portugueza. Tem influencia no seu bairro, o que em Portugal vale cem vezes mais do que ter influencia europeia, porque esta não dá um voto e aquella tem-lhe dado desde 1882 uma cadeira fixe na camara dos deputados.

## Dr. Alexandre Braga

Filho e sobrinho de... peixe, que admira se nada como um peixe! Seu pae, um dos maiores oradores que teve o Porto, e seu



Dr. Alexandre Braga  
(Republicano) Circulo occidental

tio, um dos maiores poetas que tem tido Portugal, seriam dos primeiros a aclamar o seu descendente se o vissem nos momentos em que a sua palavra tribunica ou seduz ou arrebatava a multidão.

A atmospheria de S. Bento, é, porém, muito differente da dos recintos da Esperança onde se celebram comícios, ou da da Boa Hora onde se defendem fadistas. E, nada nos surpreenderá que o orador eloquente da Republica, aclamado pelos seus correligionarios, se sintá falho e deslocado diante dos seus adversarios... monarchicos. Um perigo sobretudo se lhe antolha no tirocinio parlamentar: os ápartes. Não tem elles dado cabo de muitos oradores de bons bigodes e de boa loquella?

## Dr. Affonso Costa

E', dos quatro deputados republicanos, o unico que conhece o terreno... de S. Bento. Por lá passou e não foi esteril a sua passagem, especialmente para aquelles que fez andar n'uma roda viva. Os seus créditos no partido que o elegeu soffrem altas e baixas. Agora, por exemplo, estão na alta. Não porque elle tenha escolhido para refugio os Altos Pyrinéos, mas porque deixou de se ouvir por



Dr. Affonso Costa  
(Republicano) Circulo oriental

algum tempo a busina do seu automovel. E não de concordar que ha automoveis irritantes. Apesar de uma impertinente enfermidade de garganta, não ha quem mais tenha falado em tribunaes e comícios. Na sua cadeira da Universidade é exactamente onde... não fala. Dizem-no defensor strenuo dos seus interesses. Quem é que o não é, sobretudo quando é tão agradável concilia los com os... da Republica.

## Antonio Chaves Mazzioti

Ha deputados que já fazem parte, por assim dizer, do mobiliario de S. Bento. Quando a gente entra na galeria e deita para a sala um rolanço de olhos, se os não vê logo, sente uma falta. Tem a impressão de que a camara está incompleta, *manquée*. E' como se faltasse a mesa da presidencia ou as cadeiras dos tachygraphos.

O sr. Chaves Mazzioti é deputado ha 26 annos, e nunca deixou de se conservar no seu posto... progressista. Mostra esta inalteravel attitudede firmeza da opinião, o que não é qualidade para deitar fóra nos tempos que vão correndo. Em epochas passadas era Collares que o elegia; elege o agora Lisboa, o que representa uma promoção correspondente na escala social á distancia que vae de uma localidade modesta a uma grande cidade.



Antonio Chaves Mazzioti  
(Concentração liberal) Circulo oriental

### Alvaro Pinheiro Chagas

D'este não falaríamos se não fosse por *obliga*, taes são as relações de intimo convívio, que de longo tempo sustentámos, e de camaradagem leal, de que nos recordamos com saudade. Até receíamos que sejam envenenadas as boas intenções do *Brasil Portugal*, á força de dizer bem do antigo secretario d'esta redacção que



Alvaro Pinheiro Chagas  
(Concentração liberal) *Círculo occidental*

tanto a beneficiou com o seu *savoir faire*, como com o seu fino espirito alegrou as paginas d'esta Revista.

A inalteravel dedicação de Alvaro Pinheiro Chagas ao chefe do actual governo não faz senão realçar as suas qualidades e honrar o seu nome. Ha muito de honestidade n'essa estima politica. Ha ainda n'essa ligação partidaria o respeito pessoal por uma memoria que lhe é sagrada. Dando lhe um logar no parlamento por votação dos eleitores de Lisboa, o presidente do conselho fez mais do que premiar o valor do jornalista: prestou homenagem á grande memoria do pae e á nobreza de caracter do filho.

### Dr. Antonio José d'Almeida

E' o Marat da Revolução, o paladino por excellencia da Republica. Quando elle dá explosão á sua eloquencia suggestiva, e põe,



Dr. Antonio José d'Almeida  
(Republicano) *Círculo oriental*

nas palavras quentes como brazas, uma sinceridade que ao mesmo tempo arrebatava e commove, a multidão, em qualquer d'esses mo-

mentos iria onde o tribuno quizesse leva-la, onde quizesse arrastá-la com o seu verbo inflamado e fumegante. E cego, vencido, até o sr. tenente coronel Dias seria capaz de ir lançar-se ao precipicio. Foi o mais votado dos deputados por Lisboa, o que prova que a sua popularidade leva todas as outras de vencida. A tempera da vontade, a abnegação, a solidez dos principios, dão-lhe um ascendente moral, que é uma das suas forças. Se o parlamento consegue estragar estes dotes excepcionaes, terá que tremer a Republica ao sentir abalada a sua melhor columna.

### Antonio d'Oliveira Bello

Bom é que o commercio — força viva da nação — entre na politica com a quota parte da sua actividade. E' moço ainda o sr. Oliveira Bello, que toma assento na camara pela primeira vez. E não obstante estar na idade em que não raro as utopias tomam o lo-



Antonio d'Oliveira Bello  
(Concentração liberal) *Círculo occidental*

gar á realidade, é dotado de um espirito pratico, e de um sensato criterio, que applicados aos interesses politicos do paiz, podem desentranhar-se em resultados beneficos e uteis. Os que melhor conhecem o vice presidente da Associação Commercial de Lisboa teem razões para confiar no exito do mandato que elle acceitou dos eleitores da cidade.

### Antonio de Vasconcellos Porto

A imprensa jocosa poz-lhe uma alcunha em que se traduz uma actividade locomotora não vulgar. Como, porém, o actual ministro da guerra é um militar brioso, tem elle a peito o demonstrar que a sua actividade cerebral e a sua acção de ministro hão de correr parelhas com essa qualidade que lhe grangeou... a alcunha.



Antonio de Vasconcellos Porto  
(Concentração liberal) *Círculo oriental*

### Carlos Adolpho Marques Leitão

Aqui está um nome que qualquer partido desejaria inscrever na sua lista de correligionarios. Está hoje á frente de um centro franquista como até aqui tem estado á frente da Escola Industrial Mar-



Carlos Adolpho Marques Leitão  
(Concentração liberal) Circulo occidental

quez de Pombal. E se tantos serviços lhe fizer como fez á Escola, só terão que ganhar — e não pouco — partido e centro. Militar brioso e professor exemplar, nada faz supôr que deixe de estar á altura das suas responsabilidades o novo deputado eleito por Lisboa.

### Henrique de Paiva Couceiro

Houve um tempo em que Portugal o glorificou pelas suas heroidades em Africa. Pois o suffragio parece tê-lo escolhido para apurar de uma vez para sempre se é mais ou menos perigosa que o sertão africano a sala da camara dos deputados, se a atmospherá de S. Bento é tão pestilenta como a de lá, e se quem com a espada



Henrique de Paiva Couceiro  
(Concentração liberal) Circulo oriental

derribou hostes de negros é capaz de derribar com a palavra adversarios brancos.

Henrique de Paiva Couceiro é n'este momento um enyigma e . . . uma esperança. Valente como os que o são, elle, por quem Antonio Ennes tinha uma adoração entusiastica, de uma independencia de opiniões que põe por vezes em conflicto a disciplina militar com o

dever civico, o brilhante official, *double* de escriptor distincto, é, porventura, de todos os deputados por Lisboa aquelle em que mais se fixam os olhos interrogadores do paiz.

### Dr. João de Menezes

Outro de quem muito espera a Republica, e d'aquelles em quem mais confia. Quando fala em publico, as suas palavras parecem por vezes logarithmos, e os principios que defende chegam a converter-se em axiomas. A corda que vibra sempre, com arrogancia e precisão, não é a do sentimentalismo — palavra que no seu Le-



Dr. João de Menezes  
(Republicano) Circulo occidental

xicon não existe — é, simplesmente, a da argumentação. No seu perfil de orador de comicios ha o que quer que seja da linha de mathematico, parecendo por vezes, quer analyse a obra do sr. João Franco, quer escalpelle a lei de 13 de fevereiro, que está a resolver uma equação. E ninguem dirá que estas qualidades sejam para desprezar n'um parlamento moderno.

### José Malheiro Reymão

E' o patriarcha da scizão, isto é, o venerando avô — porque o pae é o sr. João Franco.

Um dos melhores oradores de governo, o actual ministro das



José Malheiro Reymão  
(Concentração liberal) Circulo occidental

obras publicas espera a occasião de confirmar os creditos parlamentares já em longo tirocinio conquistados.

Foi governador civil de Vianna, onde tem por baluarte a Igreja, e por amigos politicos todos os sacerdotes da cidade e seus arre-

dores, teve assento na camara em muitas legislaturas, é um dos partidarios mais valiosos do chefe do governo, tem consagrado a maior parte da vida á politica, que mais razões são precisas para crer que quem como parlamentar se tem distinguido não dará como ministro... com os burrinhos n'agua.

### José d'Oliveira Soares

Não se pôde queixar o commercio de Lisboa de não ter representação na camara popular: o sr. Oliveira Soares e o sr. Oliveira Belle formam um par que, comtudo, não tem assento na camara dos ditos. Ambos Oliveiras, o que é um indicio feliz de que o com-



José d'Oliveira Soares  
(Concentração liberal) Circulo oriental

mercio quer a paz, tão bem proclamada n'estes appellidos symbolicos.

Secretario da Associação Commercial, antigo vereador do municipio lisbonense, o sr. Oliveira Soares saberá corresponder á confiança que n'elle depositam os eleitores da cidade e o chefe do gabinete.

### D. Miguel Pereira Coutinho

Se não estamos em erro, é elle o decano da nova camara, pois foi deputado pela primeira vez, ha bons 36 annos.

Com a vivacidade de um rapaz e a experiencia de um homem



D. Miguel Pereira Coutinho  
(Concentração liberal) Circulo oriental

encanecido na vida, o antigo chefe de repartição do ministerio da justiça va occupar no parlamento a cadeira que lhe reservou em diversas legislaturas o partido progressista, e que a concentração

liberal na actual legislatura lhe manteve, como se o sr. D. Miguel Pereira Coutinho, mercê da sua antiga lealdade, fosse o authenticos traço de união entre o sr. João Franco e o sr. José Luciano.

## Paisagem

Falolhes hoje mais uma vez do campo. Para quem consome a existencia, dia a dia, no ingrato labor da escripta, n'este trabalho desfibrante, que, encantando, atraindo, dominando, nos vae, no emtanto, devorando como uma chamma; para quem, espreitando a vida, tem de fixar-lhe os diversos aspectos, na dura missão de artista e de interprete, quer modelando na prosa, quer esculpindo no verso,— como, emfim, para todos os que luctam acerbamente,— o campo pôde ser um refugio do turbilhão em que andamos, e ao mesmo tempo um retemperador, um balsamo de energicas virtudes.

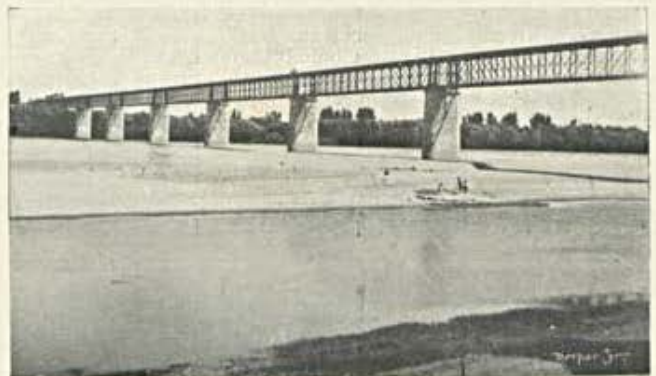
Ao nosso trabalho, febril e agitado, a boa e santa Natureza oppõe a regular e forte floração, a fructificação opulenta e poderosa.

O andar dos annos gasta-nos, ás vezes bem cedo, as facultades da criação, e o poder de moldar a fórma á imagem da idéa, deixando n'ella sorrir a phantasia, palpar a paixão, vibrar o amor, cantar a juventude;— emquanto, como no tempo do profundo e doce Virgilio, como muito antes, a uberrima leiva fumegante se desentranha em cearas, se cobre de messes loiras, na sua eterna e mysteriosa fecundidade.

E' por este contraste que amamos a natureza: mas tambem por este contraste, ao mesmo tempo que recebemos d'ella, que hebemos n'ella o vinho generoso da força, sentimos um travo amargo, um sabor de indizível e anciosa tristeza ao formularmos no fundo do nosso coração, ao sentirmos erguer-se aos olhos do nosso espirito a antithese, e a comparação entre o que de passageiro e ephemero ha em nós e o que de constante e permanente e inalteravel ha no sorriso placido e triumphante das coisas, na indestructibilidade do Ser.

O nosso peito, o peito de cada um de nós arqueja, agita-se offegante em frente d'esse peito forte, de seios fecundos, a que a Terra nos amamenta, como uma mãe gigante, que adoramos, mas cuja du-

## ASPECTOS DE SANTAREM



Ponte sobre o Tejo — Santarem



Choupal — Estrada de Santarem a Almeirim

radoira força nos espanta, e nos desperta a impotente ambição do inatingível, da inconquistável e completa Vida, a que sugamos apenas uma gota de seiva.

Mas a dura lição que a Natureza, eternamente activa, agitada, fecunda, nos dá, pode ser retemperadora, como dissémos, e alimentar as energicas virtudes... E no entanto, por vezes, na doçura plangente das suas paisagens, na melódica belleza de algumas regiões, — sem que seja a antithese e o contraste que em nós só se levanta a causa de nos sentirmos possuídos de um vago desfalecimento — essa natureza forte e poderosa é que parece definir-nos, tornar-se humana, contendo em si alguma coisa de enigmático, de tão mysteriosamente antithético, que ao vê-la quasi pensamos mergulhar na contemplação de nós próprios. E quando assim nos apparece, quando é uma d'essas regiões que nos rodeia, entre todas as notas do nosso ser moral, a que vibra é a nota suave do sonho, e o campo, repousado no vago extase inconsciente das coisas, é realmente um refugio do turbilhão em que andamos, mas refugio na tranquillizadora e dormente paz, na morbida e deliciosa hypnotisação, em que nos adormentam a voz monotona das correntes placidas, o ramalhar como que segredado dos arvoredos humidos, as linhas doces dos outeiros banhados da luz do poente, os effluvios lacteos do luar, a palpação mysteriosa das estrellas... em que nos sentimos aniquilados como por um veneno de magico poder, por uma divina ambrosia em que supomos confundir-nos, viver, murmurar em tudo o que nos cerca.

Entre as regiões que conheço, nenhuma me dá esta impressão como a paisagem de Coimbra, em cuja belleza doentia e irresistivelmente fascinadora mergulhei, agora, por espaço de alguns dias, a vista encantada e saudosa.

Foi como o doce encontro com uma antiga e dominadora amante, a cujo seio perturbador tivesse encostado a fronte durante os annos luminosos da adolescencia. E pareceu-me, mais do que nunca, comprehender a muda linguagem d'essa região placida, em cujas sombras tristes ainda se ouve chorar longinquamente a voz mysteriosa e fresca de velhas legendas populares; em cujo aspecto, viçoso mas debil, planturoso e vago no lento pairar das nevoas vespertinas, colorido e tenue, saudosamente elegiaco, ha um não sei quê do avizinhar da morte em plena juventude, das angustias do outono da vida adivinhadas ao rebenhar das rosas de maio. Pareceu-me, mais do que nunca, comprehender porque é que essa região limitada, sem largo horizonte, na sua parte mais bella, enerva como um feminino olhar absorvente, dando-nos ao mesmo tempo a visão de tranquillios paraizos, onde os astros choram. E ao comprehendel-a expliquei-me porque é que a luz extranha e vaga d'essa paisagem fica, por toda a vida, brilhando ao fundo da memoria dos que souberam amal-a e sentil-a. E ella como um ultimo e tranquillo plano, inundado de brilho inalteravel, n'esse quadro tumultuoso da existencia onde nós, os venturosos do tempo que passou, os antigos habitantes d'esse eden que doira o fundo da tela, figuramos agora no primeiro plano, empenhados nos combates rudes, na sanguinolenta batalha da vida social...

A natureza, no seu duplo aspecto do Vigor e da Belleza, da Força



Interior da Cozinha Economica n.º 6

## NOVA COSINHA ECONOMICA

NA RUA DE S. BENTO



Cozinha Economica n.º 6 (inaugurada em agosto)

procreadora, suggestiva de heroismo e de Divindade absorvente, de abysmo tentador, de aniquilador assombro, de enervante mysterio — que bello e grandioso motivo para duas epicas e sublimes creações da Esculptura!

Se em vez de traçar estas pobres linhas com a penna irrequieta e febril que agora, entre os sussurros vagos da noite, me vai correndo, saltando sobre uma folha branca de papel, eu pudesse rasgar, vigorosamente, a escopro, um bloco de marmore, espiritalisando-o, divinizando-o na Fôrma radiosa, — esculpiria em duas grandes figuras os dois aspectos do eterno poema da Natureza, que é verdadeiramente grande porque é o poema eterno das concepções, dos sonhos, das idéas, das crenças do homem, despertados pela contemplação do mundo.

A primeira figura erguer-se-ia dominadora, robusta, gigantesca, como a Natureza que combate, que cria os homens e as feras para a lucta. Os seus flancos seriam poderosos e largos, os seios entumecidos e cheios.

Mas em frente collocaria a imagem da Natureza Circe, a cujo olhar enigmático e profundo, como os rios sagrados da India, nasceram tantos sonhos e os mais bellos de todos os sonhos, as religiões, a cujo olhar, e a cuja influencia nos sentimos abysmar n'um largo, doce, embriagante mar de esquecimento, de suave desmaio... de grata aniquilação.

E essa imagem seria flexuosa, elanguescida, dormente, como se o marmore se fundisse.

Porque o unico poema da natureza é o poema do homem em frente do Inconsciente, é a revelação do que elle tem sentido e de como sentiu e pensou perante as coisas do Universo, atravez dos tempos.

(De «Um Anno de Chronica».)

SILVA GAYO.

A reflexão é a porta da segurança.

Sé rico sem orgulho e pobre sem abatimento.

Quem muda de fortuna, muda de feições.

# Os presentes da "Patria,"

Nas salas da Sociedade de Geographia estiveram expostos os brindes que á canhoneira *Patria* foram oferecidos em varias cidades do Brasil.

E' uma collecção interessante e valiosa, e entre elles figuram alguns de aprimorado gosto artistico.

A imagem da Nossa Senhora dos Navegantes está depo-



Nossa Senhora dos Navegantes

sitada temporariamente na ermida do hospital de Marinha. Veiu acompanhada do seguinte certificado:

«Certifico que no dia 14 de janeiro de 1906, na igreja de Nossa Senhora da Candelaria, benzi a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes, que por subscrição publica, promovida por um grupo de portuguezes, foi offerta aos marinheiros da canhoneira portugueza *Patria*.»

*Ita in fide sacerdotis.*

Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1906.

PADRE LUIZ PINTO D'ALMEIDA.

Na impossibilidade de publicar gravuras de todos os presentes, o *Brasil-Portugal* reproduz apenas alguns d'elles, dando o logar de honra á linda imagem de Nossa Senhora dos Navegantes.

## Politica internacional

Emquanto a velha Europa se entretem em tornar cada vez mais dificeis as relações entre os diversos estados que a compõem acirrando rivalidades e estimulando ciurnes, que só teem como consequencia enfraquecer lhe cada vez mais a sua acção mundial, a America vae caminhando *by leaps and bounds*, como dizem os inglezes, para uma federação de todas as republicas latinas, sob a hegemonia

dos Estados-

Unidos. O

congresso

pan-americano,

que acaba de ter

a sua primeira

sessão no

Rio de Janeiro,

é a ultima

manifestação

d'esta

orientação

politica, que

só os cegos

podem des-

conhecer

aonde é que

conduz os

destinos do

mundo. Basta

ler o dis-

curso pro-

nunciado

n'esse con-

gresso pelo

ministro dos

negocios es-

trangeiros

do presiden-

te Roosevelt,

o sr. Root, e

attentar no

papel que

ahi represen-

tou a grande

republica

yankee, para

se comprehender

a alta significação

do que na capi-

tal do Brasil se

passou. A victoria

diplomatica dos

Estados Unidos

é innegavel e

superior a tudo

quanto até agora

os estadistas da

Casa Branca

haviam conseguido.

Em primeiro

logar o presidente

Roosevelt logrou

ver confirmada

por todas as

republicas america-

nas a doutrina

de Monroe, que

até hoje apenas

tivera como

reprêsentante

os Estados Unidos.

Em segundo

logar e por uma

habilitissima

manobra politica

a republica norte-

americana alcançou

ver desfeitas as

apprehensões,

que contra ella

mantinham os

outros

estados america-

nos, e isto exactamente

no momento em

que ostensivamente

todos elles reconheciam

a sua hegemonia.

Embora



Os presentes da "Patria,"

Quadro com o certificado de haver sido benziada a Senhora dos Navegantes na igreja da Candelaria, do Rio de Janeiro

pareça paradoxal é um facto. De hoje para o futuro pôde affiançar-se que para se tratar com qualquer republica latina da America tem de passar-se por Washington. As consequencias que esta nova situação traz para a Europa são obvias, embora seja já tarde para o nosso continente contra ellas se precaver. Os sonhos de conquista ou de colonização politica que em terras americanas algumas potencias europeias — leia-se: Alemanha — alimentavam, teem que desfazer-se, em que peze aos que se deleitavam já com o antegosto da sua realisação. Ao mesmo tempo as nações europeias que na America ainda possuem colonias ou possessões, como a Inglaterra, a França e a Hollanda, pôdem preparar-se para as perder. E *the last but not the least*, a exploração economica — industrial e commercial — do continente americano vae de direito pertencer aos que alli mantem o primado politico.



Os presentes da "Patria," — Ermida do hospital de Marinha, onde está depositada a imagem da Senhora dos Navegantes, que pertence ao vaso de guerra «Patria»

Tudo isto nos prognostica o recente congresso pan-americano. Entretanto a Europa continuará a esgotar-se materialmente com os armamentos, que já hoje lhe tornam a vida insupportavel, e a enfraquecer-se moralmente com os ciúmes e as rivalidades, que dia a dia lhe vão fazendo perder todo o prestigio para se impôr ao mundo.

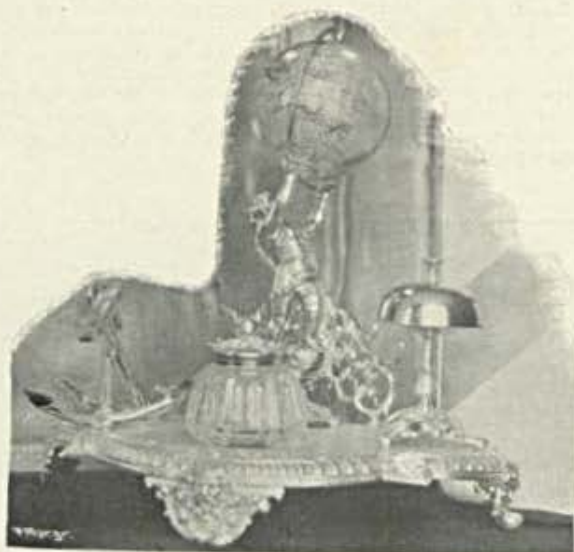
A revolução russa tem que inscrever no grande livro das suas perdas dois movimentos abortados, a revolta militar de Sveaborg



Os presentes da "Patria," — Placa em ouro e brilhantes, do commercio portuguez em Manãos

e a grêve geral, tal como a tinham annuciado os chefes socialistas. Não quer dizer de modo algum que estes dois insucessos importem o definitivo triumpho para a autocracia e a cessação da agitação revolucionaria. A autocracia ficou mais enfraquecida com a revolta de Sveaborg, por isso que do momento em que apenas das bayonetas ella fia a sua salvação, qualquer defecção no exercito, por parcial que seja, representa para ella um serio perigo e é em todo o caso terrivel symptoma. O que hoje se deu em uma guarnição da Finlândia, pôde amanhã reproduzir-se em mais larga escala em Moscou, S. Petersburgo ou Odessa, até entre as proprias tropas que guardam o imperador, o que poria a sua segurança em grave risco.

Tambem o fracasso da grêve geral não compromette irremediavelmente a obra da revolução. E' pelo contrario mais um elemento de perturbação, que vem juntar-se aos já existentes. A desorgani-



Os presentes da "Patria," — Tinteiro artistico de um grupo de patriotas portuguezes na Bahia

sação economica do imperio avançou mais um passo e com elle augmentaram as difficuldades do governo para solver os seus compromissos. Mas embora isto seja assim, não é menos certo que a causa da revolução nada tem a ganhar com estes successivos movimentos abortados, postos em execução sem accordo previo com os demais elementos que os podiam auxiliar, e cujo resultado immediato é fazer perder aos seus promotores forças e energias, que empregadas juntas no momento proprio teriam já conseguido o seu fim. Uma causa para triumphar não precisa só de ter martyres. Carece tambem de exito, mesmo nas suas tentativas prepara-

torias, para que a coragem não se intibie com os continuados insucessos. Os revolucionarios russos são heroicos como poucos. Necessitam, porém, harmonisar os seus esforços para que dos enormes sacrificios que tem feito resulte algum bem para o paiz...

Tem o governo ao menos sabido aproveitar-se das faltas do partido revolucionario? De modo nenhum. Depois de haver commettido a grave falta de dissolver a Duma, dando assim pretexto a recommencem as violencias e os crimes politicos, o ministerio presidido pelo sr. Stolypin nem ainda chegou a completar-se. Todas as tentativas feitas até hoje pelo chefe do governo para attrahir a si o partido chamado da "renovação pacifica," tem sido infructiferas, e o gabinete está provisoriamente composto de funcionarios sem significação e sem prestigio para levar a cabo qualquer missão pacificadora. A situação do sr. Stolypin é pouco mais ou menos a dos ex-presidentes do conselho Witte e Goremykin, apenas com a differença de que as circunstancias são mais graves, por isso que cada dia que passa mais accentua a desorganisação do imperio. E não ha meio, ao que parece, de se sahir do impasse actual. O partido da côrte não quer reformas, persistindo na cegueira de restaurar a antiga autocracia, tal como ella existia antes da guerra. O partido revolucionario não desarma tornando-se pelo contrario cada vez mais intransigente nas suas reivindicações e cada vez mais vae pondo em pratica os seus processos terroristas de propaganda. O partido constitucional, desiludido nas suas esperanças e violentamente empurrado para fóra da legalidade pela brutal dissolução da Duma, ou tem que dissolver-se, o que significará o irem-se engrossar as hostes revolucionarias, ou elle proprio se tornará revolucionario pela força das circunstancias, o que para os resultados politicos da sua acção será o mesmo.

O tsar teima, n'uma hesitação perpetua, em não se separar, da burocracia, que ha de acabar por lhe destruir o throno. É como fundo ameaçador a todo este quadro de desorganisação politica, em que a mais pequena collisão occasional pôde determinar espantosas catastrophes, esses milhões de mujiks que por toda a Russia vão talando e incendiando provincias inteiras, como prologo do supremo assalto em que tem de subverter-se toda a fortuna do imperio... N'estes termos o dia de amanhã é uma pavorosa incognita, que a todos faz estremecer, menos aquelles que estão assumindo a responsabilidade de provocar a mais estupenda tragedia, que a historia regista nos seus annos. E já se fala com insistencia em substituir o ministerio do sr. Stolypin por um outro, filho genuino da camarilha que domina o espirito fraco de Nicolau II. Chega a ser um desafio aos deuses...



Os presentes da "Patria," — Pasta — da tuna luso-brasileira caixeiral do Pará.

Tudo quanto aqui dissémos a respeito da fraqueza relativa do gabinete liberal inglez se vae realisando com singular precisão. Ainda não ha muito que contámos a maneira como o ministerio presidido por sir Henry Campbell Bannerman conseguiu, graças a uma simples habilidade parlamentar, escapar a um cheque a proposito de uma questão colonial. Pois já temos um novo desastre a relatar, sendo d'esta vez o governo salvo pelos votos dos conservadores, e ainda assim apenas pela maioria de tres! O caso passou-se com a votação da lei sobre as grêves. Como se sabe o governo do sr. Balfour tinha apresentado e feito aprovar pela sua maioria uma lei inteiramente favoravel aos patrões e contraria aos direitos das Trades Unions e dos grevistas em geral. O partido liberal sob a pressão da sua extrema esquerda e ainda para agradar ao partido operario da camara, cujos votos corteja e cuja orientação segue ás vezes docilmente de mais, apresentou uma modificação á lei existente, mas fel-o por fórma que não satisfizesse a fracção radical, que pelo seu lado levou o governo a aceitar ou pelo menos a reconhecer em principio o direito dos grevistas de impedirem os operarios, que não quizessem adherir á grêve, de trabalhar.

A ala esquerda do partido liberal votou contra o projecto do governo, que a tempo se arrendeu da concessão de principio que fizera aos radicaes, e o ministerio sómente se salvou e por tres votos, graças ao auxilio dos conservadores, que preferiram ser cohe-



rentes a infligirem um chéque ao governo. Bastava, com efeito, que elles se tivessem abtido (escusavam de votar contra) para que o ministerio fosse derrotado.

A correcção e o procedimento firme dos conservadores contrastou com a fraqueza e a irresolução do governo, que mais uma vez provou não ter pulso para dominar a sua maioria e conservá-la unida. O que vae acontecer não se pôde prever com justeza. Mas



Os presentes da "Patria," — Placa de ouro e brilhantes da Mocidade riograndense

não é para admirar que qualquer dia uma d'estas surpresas parlamentares se repita e que o partido liberal tenha de abandonar o poder. Sir Henry Campbell Bannerman é um liberal convicto e pessoalmente um gentleman. Mas forçoso é confessar que não tem o estofa de que se fazem os grandes estadistas, e que está abaixo da missão que incumbe ao chefe da politica de uma nação como a Inglaterra, n'esta hora sobretudo tão melindrosa da sua vida nacional.

CONSIGLIERI PEDROSO.

## Onde canta o rouxinol



Malhóa

(CHEGADA A LISBOA)

## Passeio

Lenta caía a tarde. A' casa não quizeste voltar, meu puro amor!  
Pairava na amplidão esse perfume agreste dos cajueiros em flôr.

Caía a tarde. E nós seguíamos de perto um passaro a saltar na areia da alameda.  
Silenciosa,  
o guarda-sol de seda  
côr de rosa,  
soaberto,  
n'uma das mãos gentis da luva despojada,  
colhendo aqui jasmíns, colhendo ali violetas,  
tu seguias  
atrás das borboletas,  
e corrias  
cançada.

— «Detem-se o passarinho... e de frio tiritita...  
«parece um gaturamo... e tremulo .. tão tremulo!...  
— tu, que o foste apanhar, dizias, muito afflicta, —  
«... beijemol-o.»

Não conseguiste, flôr! Apaixonadamente,  
enlaçou-te um rosal entre flôres e espinhos,  
rasgando sem piedade a tua carne quente.  
Curvou-se um jasmineiro a encher-te de carinhos,

ao continuo azoinar de importuno bezouro,  
n'uma chuva sensual de flôres aromaticas.  
Campanulas azues, campanulas côr de ouro,  
selvaticas,

vendo-te assim soffrer, zombavam. Atrevida,  
olhava-te a camelia, impassivel, serena.  
A violeta gentil, das folhas escondida,  
contemplava, chorando, aquella triste scena.

Como sae do casúlo, aligera e singela,  
mudada em borboleta alvissima, a chrysalida,  
levantaste-te a rir... E, a rir, eras mais bella,  
tão pallida!

O roxo manacá, palpitante de ciume,  
mudo assistira á scena, e, terno, suspirando,  
desfolhou-se  
lentamente, espalhando  
triste e doce  
perfume.

Finando se de dôr, no derradeiro arrancó,  
perdera bruscamente as côres e a frescura  
que tivera;  
que á neve branca e pura  
se fizera  
mais branco.

Morria a tarde quando á casa tu quizeste voltar, meu puro amor!  
Pairava na amplidão esse perfume agreste dos cajueiros em flôr.

## Marietta

Tudo em ti é perfeito: as mãos graciosas;  
os lindos pés; os braços; as orelhas;  
o puro olhar; as bastas sobranceiras;  
as bellas tranças negras e sedosas;

a bôca... delicada como as rosas  
de pétalas olentes e vermelhas...  
onde talvez as lubricas abelhas,  
enganadas, palpitam sequiosas.

E o nariz? Mimoso e petulante  
outro não ha no mundo que o supplante  
e realce feições mais feiticirias.

Mas esse encanto perde, todo, quando  
te encontro, muito afflicta, farejando  
avidamente as minhas aligeiras.

Carlos Coelho.

# A insubordinação do "D. Carlos"

O julgamento na Torre de S. Julião (Agosto de 1906)

**A** REVOLTA TREMENDA do vaso de guerra D. CARLOS, que em tempo tanto a'vorouçou a cidade, e que medidas energicas reprimiram a tempo, ficou agora reduzida ás proporções de uma insignificante insubordinação. No alto criterio, porém, dos juizes, não foi ella de tão pequena monta, pois que um dos condemnados vae ficar recluso durante uns curtos 20 annos, bagatella que não chega



Capitão de mar e guerra João Augusto Botto  
Presidente do conselho de guerra

a ser metade da vida de um homem vaccinado e de regular constituição. Acatamos a decisão dos integros julgadores, que, na velha torre de S. Julião da Barra, que serviu já de residencia ao *grande criminoso* Gomes Freire, disseram de sua justiça, tendo nas dexteras a Lei e nas sinistras a Disciplina — duas respeitaveis matronas que têm por seu lado a força.

Acatamos sem commentarios, que a indole d'esta Revista não comportaria talvez, e limitamo-nos a publicar alguns aspectos arrancados ao theatro da scena do julgamento, e a deixar só consignadas as penas impostas e os nomes dos perigosos revolucionarios.

Eil-os.

José Martins Ribeiro, n.º 2:461, condemnado em 20 annos de reclusão;

Eduardo Ventura, o «Hespanhol», condemnado em 18 annos da mesma pena;

Alexandre Simões dos Santos, n.º 7:196; José Gomes da Silva, n.º 5:889; Domingos de Sousa, n.º 3:098; Albano de Oliveira, n.º 3:665 e José Gomes dos Santos, n.º 2:424, em 15 annos de igual pena;

Francisco Antonio Neves, n.º 2:758, 9 annos de presidio militar naval;

Francisco Antonio, n.º 4:229; José dos Santos, n.º 3:582 e Manuel dos Santos, n.º 1:197, 8 annos de igual pena;

José da Cruz, n.º 2:464, 7 annos de igual pena;

Tancredo Jorge de Barros e Vasconcellos, n.º 4:570; José Carlos da Fonseca, n.º 6:250 e João Dias dos Santos, n.º 4:419, 6 annos de igual pena;

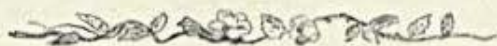
João Rodrigues Teixeira, n.º 6:440, 6 annos de igual pena;

Manuel de Jesus Garcia, n.º 3:537; Maximo dos Santos,

n.º 1:206, e Antonio Amorosa, n.º 1:129, 3 annos e 1 dia de igual pena;

Joaquim Paulo Correia, n.º 3:169, grumete de 18 annos, 2 annos de igual pena, na alternativa de 3 annos de deportação militar.

A todos os réus condemnados em presidio militar foi concedida a alternativa de deportação militar naval por igual tempo.



## EM MERTOLA

**D**eus nos livre de engrossar o côro dos estrangeiros que aborrecem as jornadas pela nossa terra. As viagens hoje em dia acharam a sua Capua não menos amollecedora do que a que perdeu com regalos as tropas de Annibal. Ninguém quer viajar senão em coupé leito, cercado de todos os confortos, com lamparina accessa, barrete de algodão branco na cabeça e o corpo enfiado em lenço alvissimos.

Perdeu-se o gosto ás comidas fragueiras. O *foie-gras* destroinou a linguica com ovos — esse improviso da musa culinaria das vendas dos Mofianos e da estalagem dos padres de Albergaria. Só se toma hoje *Pomare* e *Borgonha*, desdenhando-se por zurrapa vil e vinagreta de fazer chorar lagrimas um vinhito da Bairrada ou o *maduro* do Douro.

Quem se atreve em pleno wagon a sacar do farnel ou do alforge um naco de presunto cru ou uma gallinha corada que a esposa sertaneja, ao despedir-se do marido com a ternura classica de Andromaca apartando-se de Heitor, embrulhou n'uma gazeta a escorrer gordura em tal abundancia que se colla á ave como um cartaz a uma esquina, havendo que trinchar do mesmo golpe o conteúdo e o



S. Julião da Barra

A torre do pharol, em baixo da qual existe a prisão em que esteve o general Gomes Freire

continente, e comer a gallinha como se fosse um rebuçado grande pegado no papel?

Hoje é tudo fino, apurado, elegante em virtualhas para o caminho.

Os farneis e os alforjes escondem-se de envergonhados no *fourgon*. Os *bufetes* portateis cheios de frascos, de *crystaes* e de ferros reluzentes, competem com os mais luxuosos estojos de dentistas americanos no brilho das laminas de aço interiores e na magnifi-

ciencia dos labores externos da capa de *chagrin*. . . As iguarias, que enchem aquelle aparador e copa em miniatura, os guardanapos adomascados a alvejar, as rodas de ananaz e frutas appetitosas elevam a refeição tomada sobre os joelhos á altura de um *lunch* bem fornecido por um Ferrari invisível.



S. Julião da Barra. — Auditor Oliveira Martins e promotor Molla e Sousa

Marca-se antecipadamente no relógio a hora a que se ha de comer.

Saboreia-se de antemão o acepipe que nos está sorrindo através do elegante *bufete* de viagem.

Tudo está prevenido, marcado com uma regularidade inexorável. Dentro de um wagon de caminho de ferro a vontade e a liberdade caprichosas do passageiro ficam annulladas. Imperam tão sómente o machinista e a força elastica do vapor.

O passageiro fica reduzido ás condições communs de um volume, de uma mercadoria expedida pela grande velocidade com os maximos cuidados da companhia.

As surpresas, o imprevisto das aventuras romanescas desapareceram. Os mesmos saltadores, que tinham não sei que sedução poetica, quando nos saiam ao caminho n'um quadravio deserto, com as clavinas aperradas e o guarda-roupa pittoresco da profissão a dar-lhes por vezes o aspecto dos de *Schiller*, tornaram-se prosaicos e banaes como quaesquer gatunos da Boa Hora, desde que nos podem roubar muito a seu salvo em carruagens de 1.<sup>a</sup> classe, sentindo-nos ferrados no somno.

Havia não sei que reflexo das epochas cavalleirosas dos andantes n'essas jornadas emprehendidas um tanto ao acaso, sem que pudesse o viandante ter a certeza da pousada em que pernoitaria. Ha dias sentimos reviver em nós essa commoção aventurosa, em Mertola. Uma duzia e meia de passageiros, além do movimento ordinário bastou para alterar o equilibrio normal entre o numero de hospedes e o dos leitos necessarios para os receber. Encheram-se a deitar por fóra os corredores e as salas da unica hospedaria da villa.

Quando chegamos estafados, moidos do rodar do trem através das intermináveis charnecas alentejanas, que se dilatam entre Beja e a antiga Myrtilla dos romanos, não cabia lá nem uma mosca na estalagem.

Então percebemos praticamente a poesia das antigas jornadas.

O luar alumia melancolicamente a povoação. O castello em ruínas erguia os seus torreões negros como phantasmas immoveis de ballada. Os candieiros municipaes espirravam uma luz morticia. A villa, enroscada nas voltas das suas empinadas ladeiras como uma gibóia immensa, amodorrava-se n'um torpor somnolento, e uns cães vadios uivavam de quando em quando, respondendo-lhes outros

distantes, como sentinellas nocturnas gritando áleria e passando-se palavra.

Nós, no meio da rua, sem uma unica nesga de travessoiro no horizonte, sem ver fumegar a mais vaporosa canja restauradora das forças n'um simulacro de ceia, e sómente arquear-se sobre a nossa cabeça por tecto a cerulea saphira concava dos poetas, sentimos correr pela espinha dorsal um vago calafrio de terror.

Gelava-nos uma aragem da idade média, d'aquelle tempo em que os cavalleiros, desprezados os mimos e engeitadas as mollezas da corte, dormiam ao relento onde lhes anoitecia. Acumulava-se sobre mim a poesia represada de tres seculos de jornadas como as que descreve dos seus dois heroes o immortal Cervantes — jornadas que têm por scenario e actores, descampados, arribanas, Maritorneas, ladrões e arrieiros.

Volvido um quarto de hora, o velho e honrado Vicente — o conductor da diligencia — que se apiedara da nossa posição de Volney a meditar nas ruínas, convidou-nos a segui-lo. Subimos uma cascada bastante íngreme; quasi ao tópo parámos a uma portinha que estava meio aberta.

Entrámos. Era uma venda no seu periodo de virgindade. Tudo branquinho, caído, de uma alvura de neve. Nas prateleiras lavadas com esmero reluziam calices e garrafas de vidro. No balcão negrejava a um canto uma desmarcada garrafa preta: a synthese de uma boa duzia de garrafas.

O hospedeiro, rapaz dos seus vinte e quatro annos, macilento, com as quartans á flor do rosto, mas sympathico, acolheu-nos com boa sombra. Em seguida appareceu a mulher, uma rapariga desexovalhada com um pequeno ao collo.

N'um ai aviaram-nos a ceia: umas poucas azevias e muges, pescado do Guadiana, e uma gota de vinho de Beja, que por signal, d'esta vez não sabia ao pez do odre. N'aquellas alturas era uma ceia real!

O asseio da venda, que nos acabava de matar a fome, prometia-nos uma cama limpa, razoavel. Effectivamente, depois de uma digressão por uns pateos interiores, onde começámos a sentir as emanações de uma cavallariça, que dava para esses pateos, subimos uma escadaria de pedra ao ar livre encostada á casa pelo lado exterior. Entrámos n'um quarto, guiados por um rapazito com um candieiro de lres bicos na mão, mas em vez de uma cama — oh, abundancia! — encontramos tres, das quaes duas já occupadas por dois hospedes. Estes, insensíveis á minha chegada, continuaram a resonar com uns ronquidos onomatopaicos, que pela cadada da noite e no meio da escuridão, ora pareciam silvos de vento nas brenhas, ora estrepitos de uma torrente a despenhar-se das rochas. Era ainda a poesia do imprevisto a cerrar-me as palpebras n'aquella especie de casa de malta, cercado de companheiros desconhecidos, aos sons de uma orchestra Wagneriana de roncões, a que o Guadiana proximo, espreguçando-se como uma lagoa dormente lá em baixo, no fundo dos alcantis, dava um aspecto phantastico de noite passada n'um castello roqueiro do Rheno, ouvindo o perpassar dos *gnomos* e *hobolds* na espessura dos arvoredos, e sentindo nos pinhaes os lamentos da ventania.

Quando acordámos — era sol nado — os dois hospedes haviam-se sumido, mais madrugadores do que nós.

Depois de escrupulosas abluções, que circumstancias locais recommendam, saímos a aspirar o fresco da manhã.

A villa atropellava-se na sua brancura tumultuosa de predios caiados.

Pelos torreões e muros esbeçados do velho castello irrompiam parietarias na sua vegetação meio aerea, suspensa das ruínas; e por entre os lanços dos muros derruidos verdejavam comoros arrelvados, humidos ainda de orvalho, macia a relva, fresca, onde não batia



S. Julião da Barra. — Os advogados dos reus: Dr. Nobre de Mello e capitão-tenente Pereira do Valle, defensor officioso, saindo do tribunal



S. Julião da Barra. — A escolta conduzindo os reus. A' direita a prisão em que esteve o general Gomes Freire

o sol, que em outras partes da pastagem oppostas á sombra alastrava grandes manchas de verde mar.

Desde as alturas até o nível do rio, affogavam-se de uma vegetação matisada e luxuriante de malmequeres, de lyrios e de papoilas os flancos do muro em que a villa assenta.

No horizonte limpido, clareado de alegrias matinaes, recortavam-se em sua ondulação immovel as linhas dos cabeços calvos de arvoredo.

A praia, estendia-se, lodosa, melancolica, moldura do rio que já Cervantes appellidava de triste, e cujos peixes grosseiros eram para elle tão differentes dos saborosos do «Tejo doirado», — rio e peixes — que ao auctor de um romance, que se encontra na collecção de Pedro de F.ores, mereceram estes epithetos:

«Silvestre e amargo rio  
cuyas águas son saladas  
y el pescado desabrido»

ao passo que na mesma collecção um pastor do Manzanares, falando com o Tejo, diz:

«A vos el Rei de las aguas  
porque pagais como rico  
en arenas de oro el censo  
virei en España os hizo...  
De donde opiniones hai  
que neciss del Paraiso,  
y que por bago de tierra  
venis a Guenea escondido.  
Mucho dijera de ti  
dichoso e famoso rio,  
pero quede agora el cargo  
á qualquiera de tus hijos».

As rumas cinzentas de minerio perto das barcaças que o hão de baldear para o vapor, carregam de cores lobregas o quadro, a que se contrapõe a limpidez luminosa do céu, como antithese triumphal.

V. DE BENALCANFOR.

## PENSAMENTOS

O prazer é a emoção physiologica, e a dôr a emoção pathologica. Ambas cançam, e, em excesso, até pôdem matar; mas o prazer moderado alimenta e a dôr gasta sempre e dilacera.

No mundo ninguem goza de plena liberdade: a do homem da natureza é limitada pela força; a do homem da sociedade pelas leis.

A imprensa é a artilharia do pensamento.

O amor é o melhor companheiro de viagem da vida.

## A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

X

A reprise de uma velha magica. Eleições de deputados. Enthusiasmo publico. As eleições mais baratas de Portugal. Grande concorrência á urna. Vicos e mortos. A peça agrada. Reaparição dos srs. Affonso Costa e João de Menezes. Estreia dos srs. Alexandre Braga e Antonio José de Almeida. O chronista não vota porque o governo não abusa da sua situação. A eleição de Lisboa e a corrida do Campo Pequeno. Uma associação de ideias que indica grave desequilibrio. O sr. João Franco irrisistivel. Uma forte inclinação. O terrivel verão. Os que vão e os que ficam. Pasmaceira geral. A Providencia vela por nós! Um entretenimento novo. Metter um burro dentro de um ovo. Consequencias da tentativa. Um poeta brasileiro. O sr. dr. Carlos Coelho.

**M**AIS uma vez o cidadão portuguez exerceu o sagrado dever civico de ir á urna lançar o quadrilongo de papel que representa o seu voto. Esta velha magica reprisada todos os annos, e ultimamente tres vezes por anno, tem o condão de despertar a attenção publica e dar, sempre, dinheiro aos empresarios que, mal comparados, são os governos. A verdade é, que estes, corajosos, gastam bastante na montagem da peça, cujo exito depende de engenhosos machinismos e de visualidades extraordinarias: um dos quadros mais interessantes é o que representa os mortos votando muitas vezes n'aquelles que mais odiaram em vida.

Caso extraordinario! Sendo estas, segundo as gazetas officiosas, as mais baratas eleições que se tem realisado em Portugal — e o mesmo é dizer que d'esta vez a peça foi montada com menos luxo — nunca houve tanto enthusiasmo e tanto encontrão á porta das bilheteiras, que é como quem diz á bocca das urnas. Em muitas freguezias, mal dadas ainda as duas horas de espera já se gritava: Não ha bilhetes na casa? — isto é, todos os nomes estavam descarregados nos respectivos cadernos, A' cunha! Um influencia espantosa. Parecia que se tratava de uma «reprise da Venus ou do Tim-tim com quadro novo.

— V. tem uma lista do Reymão?  
— Isso sim!  
— Mas não se poderia arranjar?  
— Qual!  
— Hom'essa! Mas os cadernos são os mesmos, não ha mais eleitores do que ha quatro mezes.

— E' o que lhe parece. O meu amigo não conta com a votação de Alem-Tumulo, que é enorme.

A peça teve, d'esta vez, um grande exito e foi recebida com o maior enthusiasmo. Pouco ha a dizer d'essa famosa «reprise», visto que os interpretes foram, com pequena differença, os mesmos dos

últimos annos. Houve a reaparição do sr. Afonso Costa e as auspiciosas estreias dos srs. drs. Antonio José d'Almeida, João de Menezes e Alexandre Braga, que agradaram á geral e galerias, mantendo-se o publico dos logares caros n'uma reserva que ainda assim não conseguiu atrapalhar os estreiantes.

E' de justiça consignar que numeros houve que despertaram o maior enthusiasmo do publico, com o grande concertante dos republicanos, a *preghiera* dos nacionalistas, os *couplets* do «Automovel» do sr. Afonso Costa (parodia ao carro do Jacintho), a conjura dos dissidentes, o fado da concentração-liberal e a ronda dos espiritos habilmente desempenhada por fallecidos cidadãos das freguezias da Sé, S. José, S. Nicolau, Alcantara e outras.

Era de prever este grande exito uma vez que o cartaz annunciava *mise-en-scene* do sr. José Luciano de Castro, que ainda hoje é o primeiro ensaiador a metter cores e massas de figuracão. Um trabalho esplendido. A *claque* não chamou s. ex.ª por o saber nas suas propriedades de Anadia.

Dizem os aficionados das coisas eleitoraes que nunca se trabalhou tanto uma eleicão como a do dia 19. Governo e opposiçãõ bateram-se como leões na disputa de suffragios. Custa-me a crêr, porque sendo eu empregado publico e não estando recenseado, facilimo seria incluirem o meu nome no recenseamento e forcarem-me com bonitas maneiras a ir votar no meu ministro, que se apresentou aos suffragios do lisboeta. E vá lá uma confissãõ. Até ao meio dia de domingo conservei-me em casa, contra o meu habito, esperando os acontecimentos. «Não deixam de mandar por ahí alguém com uma lista e recommendaçãõ do ministerio» — dizia eu com os meus botões. Dez, onze, doze e meia... Diacho! Lá tardando, o emissario do governo. Mas, até o lavar dos cestos é viudima. Meio dia soou, por fim. N'esse momento lembrei-me de uma velha comediasinha de Aristides Abranches, cuja primeira phrase era dita pelo protagonista, ouvindo soar doze badaladas: «Meia noite e Alfredo não vem!» Assim, eu, «Meio dia e o João Franco sem me mandar lista. Comecei a vestir-me vagarosamente. A eleicão, que a principio me preocupava em absoluto, começou a ceder lugar, a pouco e pouco, ao beneficio dos invalidos no Campo Pequeno. Da minha mente desaparecia a sympathica figura do meu amigo Carlos Borges, presidente chronico da assembleia de S. José, para dar lugar á não menos sympathica figura do velho Manoel Mourisca, presidente, n'essa tarde, da corrida de touros. Ora vejam lá que associaçãõ de ideias: a eleicão e a garraia do Campo Pequeno! Positivamente, este pobre espirito sofre um grave desequilibrio!

Desci vagarosamente a escada; vagarosa e conscienciosamente, porque o meu intuito assim fazendo era dar tempo ao sonhado emissario do governo. Ao voltar do segundo para o primeiro patamar lobriguei, á porta da entrada, um sujeito com um papelinho na mão.

Cá está o homem! disse.

O outro fixava os olhos no papel e parecia certificar-se de qual-quer coisa.



S. Julião da Barra. — Entrada para as casas-mattas

— E' para cá, é! gritei. Deixe lá vêr. Você não podia ter vindo mais cedo?

— Tive receio de incomodar v. exc.ª...

Galguei apressadamente a escada. O homem descobriu-se e em attitude respeitosa apresentou-me o papel...

... Era o recibo do guarda nocturno.

Paguei, Paguei e encavaquei. Que tristissima figura eu estava fazendo aos meus proprios olhos! Grandissimo cabeça d'alhos! Mas como demonio se me mettera na cachimonia que o governo me mandava lista, pediria o meu voto, se importaria com tal insignificancia? Não sei eu ha muito — não o confessei, mesmo, no primeiro d'estes artigos — que a Politica nada quer de mim, que partido algum tem tentado acolher-me sob a sua asa protectora? Isto, a final, o que queria dizer? Que na minha alma eu acalentara o anecio de ser politico! Ora digam-me lá se já se lhes deparou creatura mais inferior, espirito mais fraco! E por mais que quizesse expulsar do meu pobre coração o furioso sentimento de despeito, não podia. Afinal, a um canto d'um carro electrico, a caminho do Campo Pequeno, raciocinei e raciocinei bem, como vão vêr pela conclusãõ que tirei d'este raciocinio: que este é o mais liberal de quantos governos temos tido. Pois que! Elle tem á mão de semear um empregado publico e não ignora que elle não está recenseado, não o recenseia, não lhe pede o voto, não o obriga a ir como uma ovelhinha de Panurgio até S. José, adeante da sua vara de pastor, e pelo contrario, deixa-o á vontade,

dispondo do domingo a seu bel-prazer, permitindo-lhe ir á garraia? Ah! mas é positivamente um governo de excepção, digam lá o que disserem.

E o sr. João Franco, que eu não tenho a honra de conhecer pessoalmente, desenhou-se no meu espirito por uma forma absolutamente diversa d'aquella por que os sete mil e quinhentos bravos caricaturistas d'este paiz o desenham: olhar doce, sorriso franco como o appellido de s. ex.ª, com F grande, pessoa muito amavel de risca ao lado e bonitas maneiras. Comecei a sentir por s. ex.ª isto a que os namorados chamam uma forte inclinaçãõ. Deus o conserve no poder. Juro aos meus deuses que se tal facto dependesse de mim, o rotativismo estava perdido!



S. Julião da Barra. — Esplanada por onde se entra para os subterraneos

Com o excessivo calor coincidiu, como sempre,

o exodo da população lisboeta que se pôde permittir a satisfação da necessidade e o prazer de ir para os campos e praias. Faz-se uma debandada geral. Cintra regorgita. Queluz, Bellas e todas as estações da linha de Cascaes estão cheias de veranentes. De fórma que a cidade de marmore ficou apenas com o marmore e alguns, poucos infelizes condemnados ao horrivel supplicio da grelha. A semsaboria é verdadeiramente aldeã. Theatros e circos fechados. Diversões ao

— Não é nada! Somos nós que estamos mettendo o burro no ovo. Ainda é o que vale — esta distracção.

Esteve ha dias, de passagem, em Lisboa, o illustre poeta brasileiro sr. dr. Carlos Coelho, que me foi apresentado por um commum amigo.

Saúdo o distinctissimo brasileiro a quem deví alguns momentos de interessantissima conversação sobre o movimento litterario de Portugal e Brasil. O sr. dr. Carlos Coelho é um homem muito culto e um artista de raça. Em Paris, onde se acha actualmente, teve s. ex.ª a amabilidade de nos enviar um volume da 3.ª edição das suas *Poesias*, primorosamente editado pela casa Aillaud.

É um precioso livro, trabalhado com inexcedivel requinte artistico, do qual damos aos leitores no presente numero duas poesias.

CAMARA LIMA.



S. Julião da Barra. — Família de officiaes da guarnição da Torre, que assistiram ao julgamento

ar livre, nem uma. Apenas no salão da Trindade ha uns espectaculos ligeiros, genero *folies bergères* e na Avenida o horrivel orgão do sr. Josué, que faria bem mandando calar o monstro e parar o sol, que é de abraçar. Mas o sr. Josué não acredita em prodigios biblicos e conhece a nossa paciencia evangelica. Este é que a sabe toda.

Presentemente a vida na capital seria horrivel se a Providencia, que é boa mãe, não velasse por nós. Mas vêla, felizmente e permitte-nos o gozo de um prazer inédito, que está fazendo as delicias não só da escassa população de Lisboa n este momento como as de toda a gente que de cá sahio.

É o caso que foi inaugurado um novo systema de reclamo, muito original entre nós, que consiste no seguinte: metter n'um determinado espaço de jornal, e completa, uma figura que o mesmo jornal dá, impressa, aos bocados, prepositamente baralhados. Uns armazens de modas annunciavam ha dias, por esta fórma os seus artigos, dando um premio a quem mettesse em meio palmo quadrado um cavalheiro de chapéu alto, bengala e monoculo, com todos os accessorios inherentes a uma pessoa que se presa: um par de botas, um bigode, um molho de chaves e meo lostão para o americano na algebeira do collete. Pouco depois — novo reclamo — offerecia-se um lindo burrico a quem por egual processo mettesse outro burro dentro d'um ovo.

Agora os vereis, os meus bons lisboetas! Durante as longas horas de calor ficam em casa, com as janellas cerradas, elles em camisola, ellas em bata, em frente de uma mesa, uma thesoura em uma das mãos, um pincel com gomma na outra, o nariz girando do burro para o ovo e do ovo para o burro, corta aqui, colla acolá.

— Oh Elvira!

— Han!

— Já metti as duas patas trazeiras no ovo.

— E eu as orelhas.

— D'onde tiraste as orelhas? Deixa vêr!

— Não deixo. Isso não vale. Procura. Meu trabalho me custou.

— Deixa vêr!

— Não deixo!

Ella tenta esconder o papel. Elle estende o braço e tenta tirarlh'o. Espalha-se o frasco da gomma. Elle fere-a, sem querer, com a thesoura.

— Arre, és bruto!

— Bruto és tu!

— Ora vae para o diabo!

— Maldita hora em que te encontrei!

— Que direi eu!

— Que é que tens a dizer? Anda, dize!

— Tu não me faças chegar a mostarda ao nariz!

— Pensas que te tenho medo?

— Elvira! Elvira!

— Ora pensa no burro, que é melhor. Sempre é parente!

— Ah, elle é isso?!.....

— Oh da guarda! Soccorro! Acudam!...

— Aeodem visinhos.

— Então, então, que é isto?

Elles, já reconciliados:



Na Trafaria

# O Militão

Morreu o Militão. Mas não morreu como toda a gente, rodeado de amigos, e nos braços da família. O Militão morreu n'uma enfermaria do hospital de S. José, entre a frieza de um enfermeiro e a indiferença egoísta de outros doentes, alinhados pelos numeros da papeleta. Não morreu, como toda a gente ralado de saudades pelo mundo, e agarrando-se á vida como um naufrago se agarra a um madeiro. O Militão morreu a rir, sem quasi dar por isso, com o seu eterno cahimbo, negro, de raiz, entre os dedos, e engatilhando talvez ainda algum intrincado problema algebrico. Se viu a Morte, saudou a alegremente e discutiu por certo com ella u na these philosophica sobre as coisas de além tumulo — uma interlocutora a mais para as suas divagações de espirito. Depois deu-lhe o braço e foi-se com ella tranquillamente, tu cá tu lá, sem olhar para traz, confiado na nova companheira, elle que tantas vezes foi enganado cá em baixo.

Quem era o Militão? Conhecia-o toda a gente e poucos o conheciam. Os musicos consideravam-o um musico; os estroinas viam n'elle apenas o estroina infatigavel das grandes noitadas e das grandes orgias. Adaptava-se a todos os meios, vivia tão bem na atmospherá das tascas como no ar dos salões, sabia falar ao operario que o entendia e ao letrado que nem sempre lograva perceber o. O Militão tinha o segredo da linguagem popular e da elegancia do dizer culto. E sempre com o termo proprio e um profundo conhecimento das coisas — artes, agricultura, officios, letras, mathematica, musica, astronomia, sciencias varias. E' que o Militão era uma encyclopedia, um índice fiel sem gralhas de composição, uma bibliotheca com estantes que a sua memoria prodigiosa abria sem esforço.

*Doido*, nunca o tomaram a serio. Elle pagou na mesma moeda, não tomando a serio os homens do seu tempo, não os vendo, não dando pelos que a morte levasse. Viveu sessenta annos sem comprehender o mundo, que o não comprehendeu. A sua vida de bohemio sem lar fixo comporia um romance á Murger com scenas de um comico irresistivel e situações dolorosas que ninguem hoje recorda. Porque o Militão chorou. Chorou uma vez só, mas essa valeu por annos de lagrimas.

Mal fechado o coval do morto, não nos é dado remexer n'essas scenas intimas de que fomos confidentes ha mais de vinte annos, ia o Militão entrar para um convento do Minho, onde se enterrou dias depois com a alma sangrando. Quando saiu, cerca de dois annos depois, vinha curado por fóra, mais loquaz, mais risonho — mascarar que nunca mais desafiellou. Fiquem em paz as cinzas e falemos da feição alegre da vida d'este *doido* tão coerente dentro da incoherencia.

Militão Garcia Coelho, filho de um musico distincto e descendente de uma familia consid rada do Algarve, nasceu um anno antes da revolução da Maria da Fonte. Uma vocação decidida para a musica. Aos quatro annos compunha ao piano uma marcha funebre, e aos quatorze, n'um dia em que o organista da Sé adoeceu, substituiu-o na festa a grande instrumental.

Pequenino, vivo, instavel, palrador, olhos azues, assim se conservou pela vida adiante, infantil a despeito das barbas que vieram, simples, modesto, nervoso e irrequieto. Uma força n'um machinismo estreito de mais. Fez de um folego o curso do lyceu, surprehendendo pela lucidez o lente de mathematica, a sua paixão dominante. Datam de então as suas excentricidades que, de envolta com as suas discussões e theorias philosophicas, tanto escandalizaram o burguez burro e lhe valeram a designação de *maluco*. Bellas maluquices luminosas as d'esse espirito fino, sempre tão alheado das coisas terrenas!

O Militão esquecia-se, esquecia-se sempre. Convidado para dar lições á filha de um ricoço, foi lá no dia seguinte, e não mais voltou: tinha-se esquecido da discipula. Um dia partiu para Monchique, mas esquecendo-se de que havia a mala-posta, foi a pé. Ia por dois dias e por lá ficou seis mezes . . . por esquecimento. Esquecia-se de almoçar e de dormir. Um dia casaram-o e elle deixou-se casar, mas mezes depois esqueceu-se da mulher. Foram encontra-lo em Alcantarilha a devorar uma bibliotheca.

— Olha que tua mulher deu á luz um pequeno.

O Militão interrompeu a leitura, rebuscou no fundo da memoria esse phenomeno extranho de um filho, como quem procura a in-

cognita de um problema intrincado, e pegan lo n'um velho cartapacio, partiu a pé. Dez leguas a pé. Chegou á porta de casa ao cair da noite. Mas, como pelo caminho, a ler, se esqueceu do filho de dois dias, hesitou diante da porta fechada e . . . partiu pelo mesmo caminho para Alcantarilha.

Mais tarde raptaram o e elle deixou-se levar sem saber para quê, nem para onde. Foi assim que se encontrou em Lisboa pelo braço de uma mulher que mal entrevira, e que logrou fazer lhe perceber os encargos contraídos e a necessidade de pensar na renda da casa. O Militão viu isso tudo vagamente e uma bella manhã, sem protecção, sem amigos, sem empenhos, foi ao concurso para organista da Sé. E foi o primeiro classificado, a despeito dos meritos de todos os concorrentes despeitados.

A entrada do Militão no convento do Minho marca uma pagina curiosa na sua vida accidentada.

— Quero ser frade, disse elle ao leigo porteiro.

O frade cravou os olhos desconfiados n'aquelle aspecto de men-



Militão Garcia Coelho

† 21-8-906

digo, coberto da poeira das estradas, n'aquelles cabellos crescidos, n'aquellas barbas longas, e levou-o á presença do director espirital da casa.

— Deseja ficar entre nós? Mas esta casa é de educação de creanças. Não é frade quem quer. E' preciso ter creanças. . . Sabe ler, escrever e contar?

— Sei.

— Sabe doutrina? E arithmetica e principios de phisica? e latim?

O Militão sabia de tudo um pouco. O frade, desconfiado de tanto saber, queria uma prova.

— E musica?

— Também.

— E orgão?

— Também.

Estava achada a prova immediata. E levaram-o ao côro para o exame. O Militão ensaiou os primeiros accordes de uma harmonia indefinida, toda repassa-la de unção religiosa. E a harmonia, composta de momento, prolongou-se, prolongou-se até altas horas da noite, echoando suavemente pelas naves da capella, e fazendo chorar de enternecimento toda a communitade agrupada em torro do orgão.

N'essa noite o Militão dormiu na casa de Deus, n'uma cella estreita que lhe terá ouvido os soluços. E n'esse convento ficou, durante cerca de dois annos, gosando regalias que outros não tinham, ensinando creanças, illuminando os espiritos dos recolhidos, mostrando o seu valor, catechizando os frades. Concedia-se-lhe luz ás noites na cella e na bibliotheca. Foi n'essas longas horas de vigilia que elle decorou o *Flos Sanctorum*, e absorveu todas as controversias religiosas, e leu todos os auctores latinos e gregos, e arrumou no cerebro todos os philosophes, que dormiam no silencio da livraria. Quando mais tarde, saturado de latim e de solidão, saiu do convento, os frades abraçaram-se n'elle, chorando.

O bohemio fugiu da gaiola e veio retomar o seu lugar de organista. Mas o lugar foi dado a outro — injustiça que muito o surpreendeu: tinha-se esquecido d'esses dois annos de ausencia sem dizer "agua vae."

Começou então nova vida para o Militão, que estacionou por varias casas de hospedes até que de todo se installou, com as suas musicas e os seus livros n'uma casa na rua dos Cavalleiros. Pessimo administrador dos seu fundos parcos, não sabendo o valor do dinheiro, esquecendo se de receber o que lhe deviam, o Militão fez um contracto bizarro com a hospedeira — dar-lhe tudo quanto ganhasse, dando-lhe ella em troca cama, pão, vestido e tabaco. E cumpriu religiosamente.

— Oh! menino! crêdo! esse casaco está indecente!

— A culpa é sua. Dê-me outro.

E envergava o primeiro paletot ou rabona, que a patrão ia comprar, sem medida, no primeiro ferro-velho.

Um dia encontrou-se com o Sergio do violoncello n'um café da Mouraria, que se tornou celebre. O Militão no orgão e o Sergio com o seu arco magico chamaram áquella baiuca uma concorrência extraordinaria. João de Deus, algarvio como elle, Barjona de Freitas, Thomaz Ribeiro, poetas e jornalistas, e artistas, ali iam ouvir os dois musicos e discutir com o Militão que vivia alegre, atordoando-se n'aquelle *brouháá* ensurdecedor. E era de vêr o silencio religioso do mal allumiado corredor ao desferir das primeiras notas.

Morto o Sergio, o Militão entristeceu, como entristeceu o orgão que gemia de saudade. Mas durou pouco essa tristeza. Por essa epoca Barjona de Freitas fê-o seu secretario — um pretexto para o ter junto de si — e levou-o para casa. O Militão deixou-se conduzir e por lá ficou dois annos a fazer musica, a concertar relogios, a decifrar enigmas, a compôr missas, a discutir sciencias, a estudar chimica, a inventar theorias para resolver a equação geral do 3.º gráu, e a assombrar toda a *entourage* intellectual de Barjona.

Passados esses dois annos de conforto, o Militão sentiu a nostalgia do seu viver errante. Deu um aperto de mão no seu hospede e companheiro de serões espirituosos, e voltou tranquillamente para a rua dos Cavalleiros a tomar posse do seu pobre quarto de paredes nuas.

Desde então a sua misera existencia tornou-se difficil. No velho café o seu lugar fôra preenchido por outro. Fez-se regente de orchestra em uma companhia de operetta barata, percorrendo a provincia, afinava pianos, tocava em festas de igreja. Altivo sem propias, nunca aceitou dinheiro que não fosse em retribuição de serviços prestados.

Amparado a uma bengala por ahí andou aos tombos, trabalhando sempre e sempre alegre. Velho e doente, encontrára uma familia na rua dos Cavalleiros. Mas o Militão nunca reparou n'essa dedicacão compassiva, e quando a velha patrão foi dar contas a Deus ficou muito surpreendido por não ter onde passar a noite. Que fazer? pegou na bengala, meteu o velho cachimbo, o seu velho e unico companheiro, no bolso, aprou um lapis, e foi alegremente para o hospital de S. José, cujas portas se abriram para o receber, e que pouco depois tornaram a abrir-se para o deixar passar embulhado n'uma serapilheira, mortalha modesta como elle fôra modesto na vida.

Mas estava escrito que o Militão não dormiria na valla comum. Por uma manhã luminosa de verão, no cemiterio do Alto de S. João, mãos piedosas de amigos pobres substituiram a serapilheira por um lençol fresco de linho, e depositaram os mesquinhos despojos n'um coval, ali mesmo comprado. Um reverendo, o conego Carlos Rego, commovido pela simplicidade tocante do grupo, levou-os para a capella do cemiterio e rezou uma missa de corpo presente por aquelle grande desgraçado tão feliz. N'essa homenagem simples apenas faltaram as ondas de harmonia do orgão da primeira noite no convento minhoto.

O Militão dorme a sua ultima noite no coval n.º 3:684.



## S. PEDRO



(Phot. do sr. Francisco de Albuquerque)

Obra prima do pintor Grão Vasco (seculo XV)  
existente em Vizeu